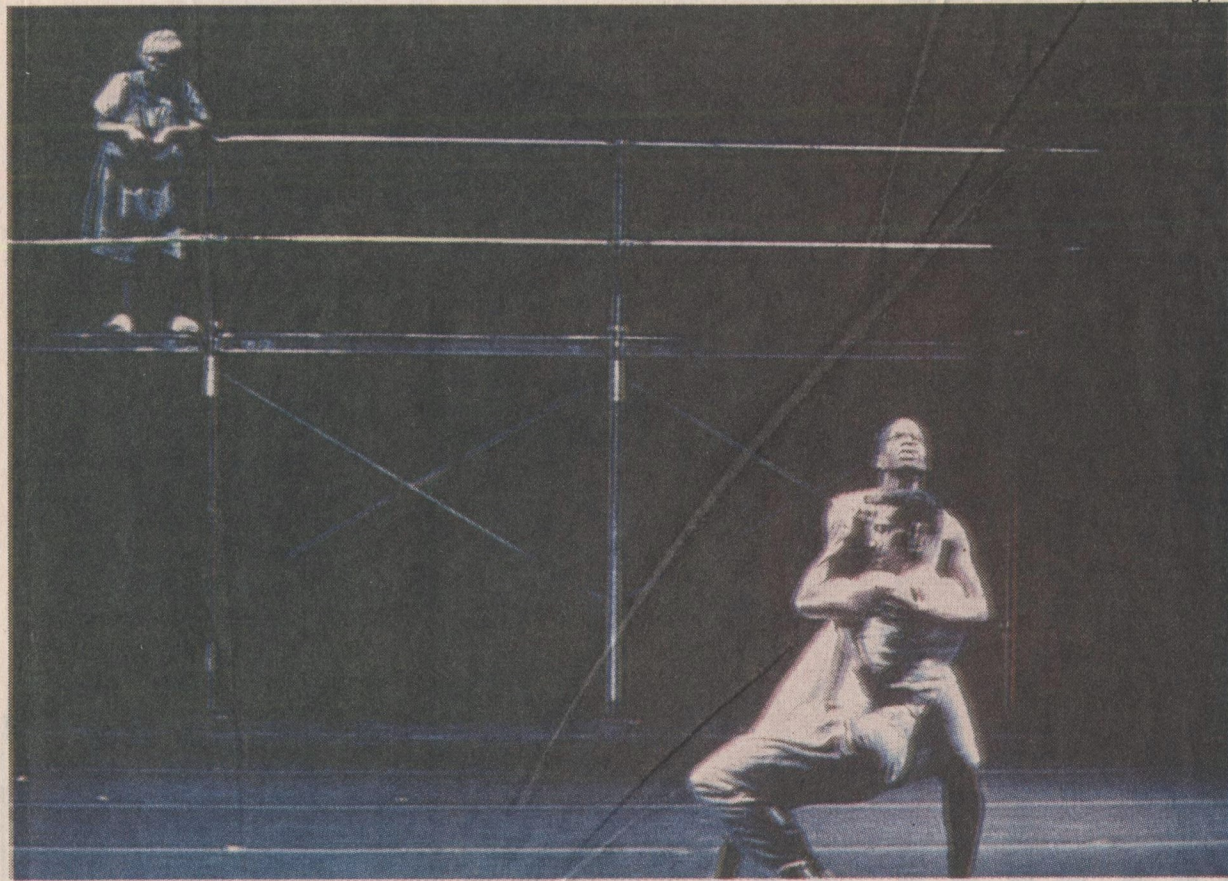
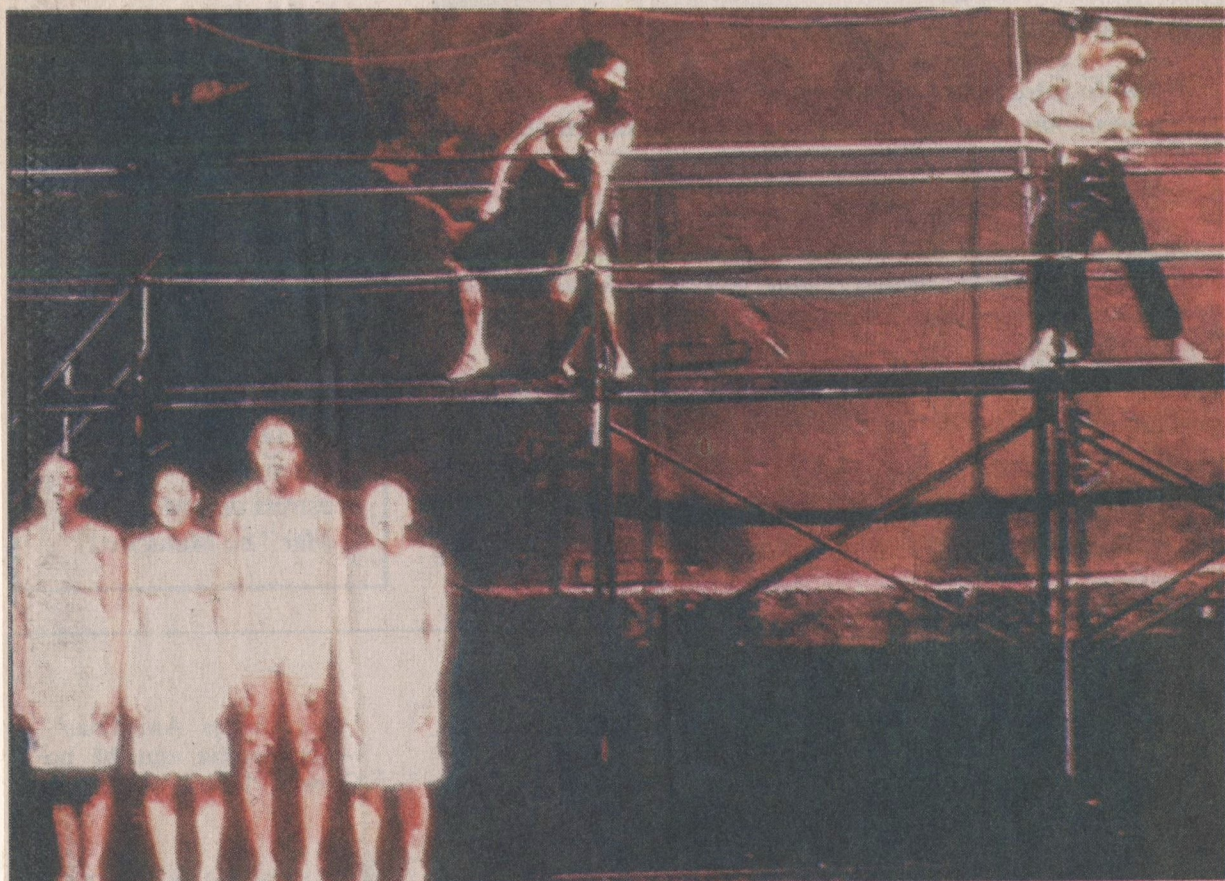


UNICAMP

EVENTO: Carlton DanceVEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULODATA: 04 de maio de 1995PÁGINA: 1ªSEÇÃO: ILUSTRADA

Cenas de coreografias do grupo Reality, liderado pelo norte-americano David Rousseve, que se apresenta na abertura do Carlton Dance Festival no mês que vem no Rio e em São Paulo

Carlton Dance reestréia com Rousseve

O coreógrafo norte-americano abre, com seu grupo Reality, o festival que acontece em junho no Rio e em São Paulo

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a Folha

O Carlton Dance Festival está de volta. Em junho, se realiza entre os dias 1 e 6 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. De 4 a 5, as seis atrações desta sexta edição do evento, estarão em São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso. Uma das novidades deste ano é o norte-americano David Rousseve, 35, que falou com exclusividade à **Folha**. Como os coreógrafos da nova geração de seu país, Rousseve recusa a dança pura para explorar conteúdos mais densos e sintonizados com a realidade atual.

Coreógrafo, escritor, diretor, dançarino e ator, Rousseve dirige desde 1988 o grupo Reality. Sua dança é definida como uma combinação de pós-modernismo, arte da performance, culturas tradicional e pop da América africana. Às vezes quase um manifesto, os espetáculos do Reality exploram temas que vão do racismo à Aids. O espetáculo que apresentará no Carlton Dance chama-se "Urban Scenes/Creole Dreams", que se inspira na vida da avó do coreógrafo.

A música, de Don Meisner, inclui elementos do rap, pop e rhythm & blues. Há ainda um grupo que canta gospel ao vivo.

Para desenvolver o enredo, cuja temática inclui opressão racial e sexual, Rousseve utiliza diferentes técnicas. Ao contrário dos pioneiros americanos da dança moderna, ele busca a teatralidade, com raízes no expressionismo europeu.

★

Folha - Como é o espetáculo

INDIFOLHA

ESTÚDIOS AMERICANOS
ARRECADAM MAIS NO
EXTERIOR

Em 1994, em US\$ bilhões

2.059
Exterior2.040
EUA

Fonte: Ansa

que o Reality vai apresentar no Brasil?

David Rousseve - Trata-se de uma justaposição de diferentes épocas e histórias. A princípio, fala das histórias da vida de minha avó, nascida em Louisiana. Além de abordar a cultura "creole" na zona

Editoria de Arte/Folha Imagem

PROGRAMAÇÃO

RIO DE JANEIRO

teatro Municipal
• dia 1 de junho
David Rousseve/ Reality (EUA)
Stephen Petronio (EUA)
• dias 3 e 4 de junho
Marcia Rubin (Brasil), Batsheva (Israel)

• dia 6 de junho
Lanonima Imperial (Espanha),
Rosas (Bélgica)

SÃO PAULO

teatro Sérgio Cardoso
• dias 4 e 5 de junho
David Rousseve/Reality (EUA),
Stephen Petronio (EUA)
• dias 6 e 7 de junho
Marcia Rubin (Brasil), Batsheva (Israel)
• dia 8 de junho
Lanonima Imperial (Espanha),
Rosas (Bélgica)

rural do início do século, o enredo também se estende aos dias atuais, em Nova York. É um espetáculo que combina dança, teatro e texto, para falar da trajetória de gerações.

Folha - Qual o significado do nome de sua companhia, Reality?

Rousseve - Quando fundei a companhia, queria um nome capaz

de expressar a poesia de um mundo real.

Folha - Por que seu grupo é formado só por mulheres?

Rousseve - A companhia conta também com três homens, quando apresentamos peças de repertório. Em "Urban Scenes/Creole Dreams", que é um trabalho que dá sequência a uma série que venho criando nos últimos anos, o enredo se centraliza em minha avó e na vida das mulheres africanas. Daí a necessidade de ter quase só mulheres no elenco. **Folha - Você tem influências de alguma personalidade ou movimento da dança moderna norte-americana?**

Rousseve - Não de alguém em especial, mas de uma mistura de coisas vindas de criadores como Martha Graham e Alvin Ailey. O que faço é uma fusão contemporânea e experimental que também inclui cultura pop e afro-americana, street dance e mesmo literatura moderna.

Folha - Você rejeita a dança pura?

Rousseve - Me comunico melhor através da fusão entre dança e teatro. Há um pouco de dança pura em meus espetáculos, mas não me reduzo a isto.

Folha - A rejeição à dança pura é uma característica de sua geração? Rousseve - Sim, porque vivemos num mundo muito complicado, no sentido humano, social, emocional, político. Precisa mos de algo mais do que movimento puro para falar dos temas que nos inquietam hoje.

Petronio é a grande estrela

Especial para a Folha

Cancelado três vezes desde 92, parece que este ano o Carlton Dance foi organizado a toque de caixa, por decisão súbita do patrocinador.

Com pouco tempo, a Dueto Produções trouxe o que estava disponível na cena internacional. Agendas lotadas deixaram alguns grandes nomes de fora, mas só o resgate do Carlton Dance já é uma vitória.

O irreverente Stephen Petronio deve ser a estrela. Autor de uma estética pós-punk, seu grupo mostra peças novíssimas e provocadoras como "The King Is Dead" e "MiddleSex Gorge".

Outro ponto forte é a belga An-

ne Teresa de Keersmaecker, com seu grupo Rosas. Minimalistas, ela já teve até uma coreografia filmada pelo cineasta Peter Greenaway.

Outras novidades no Brasil são o grupo Reality, do norte-americano David Rousseve, e a companhia espanhola Lanonima Imperial, onde dança o brasileiro Bebeto Cidra.

De Israel vem o "comportado" Batsheva, grupo que ganhou expressão quando passou a ser dirigido pelo talentoso coreógrafo Ohad Naharin.

Há ainda um enigma: a carioca Marcia Rubin, desconhecida que pode ser uma revelação. (AFP)